

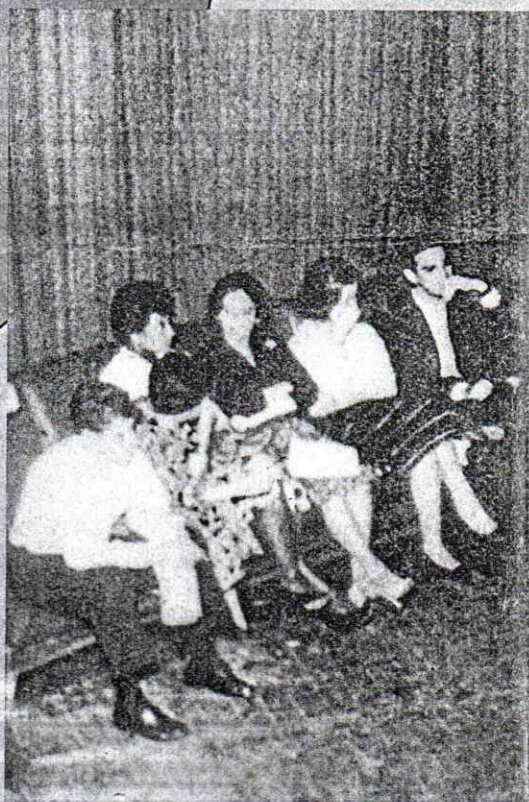
O DIA  
EM QUE A

# Bossa Nova

TOMOU  
CONTA DA  
ESCOLA  
NAVAL

COMANDANTES NEY DANTAS E SERGIO LYRA BARBOSA

A elaboração de um artigo sobre o show da Bossa-Nova em um dia de 1959 quando nós, da Armada da Turma Elmo, cursávamos o terceiro ano da Escola Naval, tornou-se mais difícil, curiosa e emocionante do que eu imaginava, pelo menos para mim, como pesquisador, principalmente, porque eu nunca fora um estudioso da música popular brasileira. Nada além de ouvinte e de apreciador de qualquer boa música.



Comecei por descobrir que a Bossa-Nova nascera em um dia de agosto de 1958 quando surgira nas lojas de discos o 78 rotações com selo Odeon do cantor João Gilberto, considerado e reconhecido como o criador e papa do estilo, com as músicas "Chega de Saudade", de Tom Jobim e Vinicius, e "Bim-bom", de sua autoria; e que o show ou o "II Comando da Bossa-Nova", como denominado por

seus organizadores, ficara registrado como um marco histórico da música popular brasileira com direito à edição de livros e registro em bancos virtuais de informações em nosso país e no exterior. O ainda desconhecido e que ora tento trazer à tona é a sua história na versão de aspirantes testemunhas oculares.

Para começar a tomar pé no assunto planejei iniciar meu garimpo, é claro, em conversas com amigos. Foi então que a imagem de Sérgio Lyra Barbosa explodiu em minha mente. Fora ele nosso calouro, então segundo-anista naquele ano de 1959. Tinha ele, eu sabia, um íntimo parentesco com Carlos Lyra, um dos criadores do movimento Bossa-Nova, era seu irmão, e quem sabe, pudesse ele contar algo sobre aquele show.

Conversamos por telefone lhe expus minha idéia de escrever, de início, algo para o livro da história dos 50 anos de minha Turma

bi pelo Correio seu depoimento manuscrito de dez páginas, riquíssimo de conteúdo histórico que não merecia ter, sequer, uma linha cortada. Mas concordamos em resumir-lo. Seu depoimento, depois de enxugado, ficou assim.

Em 1959, eu, já no 2º ano da Escola Naval, e meus “veteranos” – tão musicais quanto eu – “comandando o Corpo de Aspirantes” – havíamos tomado conhecimento da “lançada” Bossa-Nova com o disco recém-gravado “Chega de Saudade” pela Odeon, interpretado pelo estranhíssimo cantor João Gilberto, já conhecido, e sabido da realização do primeiro festival de música do movimento “Bossa-Nova”, nascido em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro, organizado, publicamente, pelo D.A. da Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, no pátio interno da UFRJ na Praia Vermelha em 22 de setembro de 1958.

Naquele ano a Escola Naval era dirigida

turma esta que só tinha 11 aspirantes! Foi o que valeu...

Entretanto, no início do ano, ao começarem as aulas na Escola em março, após a viagem de adestramento nos cruzadores, o meu amigo terceiro-anista, Antônio Otávio Dutra da Silva, foi escolhido Presidente do Grêmio de Francês. Nós, que havíamos estado em Caxambu nas férias e consolidamos nossa amizade (nossos pais foram contemporâneos de Escola Naval), tramamos organizar um show de música na EN, nos moldes do que havia ocorrido na UFRJ, pois o Dutra também era ligado em música moderna e jazz. Tínhamos tudo planejado com meu irmão <sup>(1)</sup>.

Assim, ele me convidou para compor sua equipe no Grêmio de Francês (basicamente, ele e eu, somente), cuja única atividade era um curso gratuito arranjado para os sócios na Maison de France. Com isto, passamos a



**O show na Escola Naval: Júlio Hungria, Sylvinha, Alayde, Dulce, Nara, Carlinhos, Roberto, e João Mário. Em pé, Iko, Léo, Bebeto, Chico Pereira, Oscar, Bôscoli, e, ao violão, Lúcio Alves**

Elmo, e quem sabe, depois, um artigo mais longo a respeito daquele show a que ambos assistíamos. Entusiasmadíssimo, ele concordou e me prometeu uma pronta colaboração. “Afim”, dissera ele, cheio de orgulho, “nossas duas turmas têm dois elos históricos e únicos na Marinha: o código de honra no Colégio Naval e o show da Bossa-Nova na Escola Naval, que precisam ser perpetuados de alguma forma em algum lugar.” Dias depois, rece-

pelo Contra-Almirante Adalberto de Barros Nunes. Ele havia sido nomeado pelo Ministro no ano anterior, em razão de uma revolta do Corpo de Aspirantes em setembro, para disciplinar os alunos. Portanto, para conseguir que ocorresse um Festival de Bossa-Nova em 1959, tive de me valer de minha mãe, entusiasta de música e viúva de um colega de turma do Diretor, José Domingos Barbosa,

usar o Grêmio para os arranjos de um show na EN, em harmonia com o Grêmio do Violão, para dar compatibilidade ao nosso propósito. Contudo, o trabalho de organização do evento ficou por conta do Grêmio de Francês, pois era o que tinha os contatos externos para viabilizar o evento e os elementos de “cocha” (Dutra e eu) para eliminar os entraves internos.

Não conseguimos derrubar o entrave de permitir o ingresso do público em geral na Escola, entrave por sinal óbvio, pois o evento seria no teatro-cinema e não a céu aberto, como na UFRJ. Isto, também, foi bom, pois permitiu uma melhor qualidade de som, por sinal excelente, permitindo sua gravação ao vivo.

Várias reuniões ocorreram em minha casa para que eu soubesse e, depois, passasse para o Dutra, quais seriam as necessidades técnicas externas. Obviamente, o Chico "Fim-de-Noite" <sup>(2)</sup> tinha a facilidade de obter toda a instalação de microfones, equipamentos de áudio, caixas etc., da Odeon, onde trabalhava. O Dutra teve que quebrar a resistência "naval", para permitir a instalação da parafernália da Odeon no cinema, dispensando todo o péssimo material da EN e a intromissão do Grêmio de Rádio.

A Odeon, também, queria ter o privilégio de gravação exclusiva de todo o espetáculo, pois já antevia o sucesso da Bossa-Nova em sua segunda apresentação pública e, desta vez, em recinto fechado, excelente para gravação.

O Dutra se virou como pode, mas conseguiu que no dia do show pudesse entrar na Escola um caminhão com técnicos e equipamentos, e "tomassem conta" do cinema. Eu e o Chico Feitosa passamos a manhã e a tarde acompanhando a "azáfama" no cinema, já que fui encarregado de acompanhar os "civis" em atividade na EN naquele dia.

O Chico Feitosa jamais havia pisado na EN. Até a sua morte, recentemente, lembrava com seus amigos, o dia mais diferente de sua vida, que passou na Escola Naval. Seu lado artístico ficou entusiasmado com as construções históricas de Villegaignon, os cuidados que a Marinha tinha em conservá-las e a lha-neza do tratamento que teve quando no convívio com nossos colegas no rancho do almoço – naturalmente, convidado pelo Dutra. Ele falou, sinceramente, que não podia imaginar que nós militares pudessemos ser bem mais educados do que os civis das organizações em que havia estado como jornalista. Por incrível que pareça, afirmava que jamais havia comido tão bem quanto naquele dia. E morreu achando a Marinha um "Itamaraty de fardas". Ficamos muito amigos depois deste show na Escola, em razão do correr desse dia memorável.

A programação musical e a apresentação ficaram por conta do meu irmão e do Ronaldo Boscoli, também jornalista e compositor. A apresentação do show, que o Ronaldo intitulou de 2º Festival de Bossa-Nova, desta vez ocorreu de forma organizada, pois tudo foi ensaiado, primorosamente, nos estúdios

da Odeon, onde o Ronaldo também trabalhava. Curiosamente, o mesmo show em Nova Iorque, em 1962, teve a mesma organização no Carnegie Hall, lançamento público e ruidoso da Bossa Nova nos EUA.

Os números musicais foram escolhidos pelo meu irmão, para que todo o pessoal do movimento pudesse participar. Ele, por sua conta e risco, resolveu "cortar" todo o pessoal já famoso, não só para que o show não ultrapassasse 3 horas de duração (exigência do Diretor da EN), pois ele devia encerrar, impreterivelmente, às 23 horas, mas também para evitar possíveis pedidos de cachê, uma vez que a ODEON "estava no circuito".

Assim, foram afastados: Dick Farney <sup>(3)</sup>,

**Heleno, Norma Bengell e Gilberto Pereira, durante o show, numa foto realmente inesquecível**



Tom Jobim, Johnny Alf, Tito Madi e outros, já profissionais. A única exceção foi o Lucio Alves. Ele declarou ao Carlos que fazia questão de comparecer à EN, pois, na juventude, gostaria de ter entrado para a Marinha. Ficou, aliás, entusiasmado com a idéia porque – dizia ele – só mesmo a Marinha abraçaria aquela iniciativa cultural, apesar de seu rigor castrense, lembrando o que ocorrera na UFRJ, no ano anterior.

O elenco que se apresentou foi o seguinte, apesar de poder haver alguma falha, por lapso de memória, pois a gravação da Odeon, por motivo que se desconhece, jamais foi utilizada e desapareceu <sup>(4)</sup>: Carlos Lyra (organizador), Nara Leão, Roberto Menescal, Luis Carlos Vi-

nhas, Chico Feitosa, Normando Santos, Luizinho Eça, Oscar Castro Neves, Bebeto, Laís, Alaide Costa, Norma Bengell, Silvinha Telles, Ronaldo Boscoli (apresentador) e outros.

Dutra se lembra de que o show foi numa 4ª-feira do 2º trimestre de 1959, no mês de maio ou de junho<sup>(6)</sup>. Portanto, o dia seguinte era dia de aulas e motivo suficiente para não ultrapassar das 23 horas, o que, efetivamente, não ocorreu. Ele foi até meia-noite.

Havia poucos convidados externos. O diretor compareceu com seu assistente Cravo, ficou uns 15 minutos, assustou os artistas com a ordem de “Levantai-vos” e se retirou sem qualquer comentário. Eu e o Dutra ficamos aguardando uma cadeira, por tudo quanto de antimilitar ocorrera. Contudo, desta única vez, ela não veio, principalmente para mim, que vivia levando cascudos do Almiranté, porque queria virar músico-vagabundo, ao invés de ser cdf como meu pai, seu colega de turma. O trabalho do Dutra foi insuperável na solução dos inúmeros percalços internos que tal show provocou na EN, pois nunca antes ou depois ocorrera evento de tal envergadura artística.

Durante o show na EN, em dia que vamos descobrir<sup>(6)</sup>, mas que, no momento, ninguém consultado conseguiu embrar-se (nem Norma Bengell), pois já lá se vão 45 anos, o Corpo de Aspirantes desceu, organizadamente, para o cinema, como ocorria toda semana, em formatura. Os poucos convidados já se encontravam no nosso pequeno, mas confortável teatro, próximo à piscina. A noite estava sem lua, mas agradável e estrelada, nem quente nem fria.

A parafernália de som no palco era um fato inusitado, estando “armado um circo” para uma gravação profissional e cinematográfica. Para os aspirantes, aquilo era uma tremenda novidade. E o mais interessante é que para os artistas também, pois nada daquilo havia ocorrido anteriormente. A maior gravadora do País estava interessada no resultado daquele show e vários americanos (jazzistas) também, sem que se soubesse.

Ronaldo Boscoli, ao apresentar o trio do pianista Luizinho Eça, denominou o show da EN como o “2º Comando da Operação Bossa-Nova”, em homenagem à Marinha, que abrigava o novo movimento musical brasileiro. Tanto Ronaldo Boscoli quanto o Luizinho Eça (falecidos) já eram também músicos profes-

sionais, sendo que o Eça, brilhante concertista de piano clássico, com formação musical na Áustria, era excelente pianista de jazz.

A apresentação da Norma Bengell, trazida ao palco pelo Ronaldo Boscoli, com uma saia curta, recém-introduzida na pudica moda feminina da época – a “minissaia” –, levou o auditório à loucura. Os aspirantes jogaram caxangás no palco, numa gritaria louca. Ela foi incluída no show na última hora, e balbuciou a música “Você”, do Roberto Menescal, acompanhada ao violão por ele próprio, imitando o jeito da Brigitte Bardot.

A Nara Leão foi apresentada pelo Carlos Lyra como adepta da Bossa-Nova, sua aluna de violão, que iria cantar pela primeira vez em público! Nara, que tinha pouca voz, mas muito afinada, cantou acompanhada pelo Carlos várias músicas dele (uma delas, “Lobo Bobo”).

**Nara Leão:  
a sua primeira  
apresentação em  
público.  
Um documento  
histórico**



Os maravilhosos irmãos Castro Neves: Oscar (violão), Mario (piano) e Iko (contrabaixo) foram a base de acompanhamento de todos que se apresentaram cantando: Alaíde Costa (“Chora tua tristeza”), Lucio Alves (“Teresa da Praia”), Carlos Lyra (“Morre no ar”) e Chico Feitosa (“É fim de noite”). Luiz Carlos Vinhas, pianista iniciante, hoje falecido, fez uma belíssima apresentação de várias composições brasileiras, mas dando um tratamento jazzístico de muito bom gosto, auxiliado por Bebeto (contrabaixo) e um baterista que

não lembro o nome. Acompanhou a Laís, hoje casada com um americano milionário e morando nos EUA. Normando Santos, ótimo violonista, apresentou músicas de Dolores Duran e composições suas.

Por ter terminado depois da hora e pelo inevitável conagraçamento entre os aspirantes e os artistas, o que varou a meia-noite, esperamos pela punição, por causa da algazarra natural destes eventos. Mas, felizmente, tudo correu às mil maravilhas e este show ficou na lembrança de muita gente e, por incrível que pareça, de uma “penca” de estrangeiros que, sequer, haviam comparecido ao evento.

Observação: o Presidente da República, Juscelino Kubitschek (1955-1960), ficou conhecido como o Presidente Bossa-Nova, pois gostava de sessões desta música, com Bené Nunes, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis.

Depois de tudo isso, restava ilustrar o artigo e definir a data de sua realização. Todas as pesquisas e textos continuavam a indicar para o dia 13 de novembro. O ano, sem dúvida, era 1959 provado pela não lembrança de nenhum de nossos intendentes e fuzileiros que já haviam deixado a Escola Naval naquele ano. Mas, e o dia?

Francisco Santoro, um amigo de turma que acompanhava, à distância, minha pesquisa, resolveu dar seu testemunho ao qual dou fé, por sua excelente memória.

“Foi um fim de ano terrível. Lembro-me muito bem de que era uma prova por dia. Como eu estava de malandragem durante o decorrer do ano, tive que virar pelas noites. Tomava Dexamil. Depois do almoço, tirava uma boa tora (os oficiais não passavam inspeção) e depois do jantar começava a encorcação sem dormir. Lembro-me muito bem de que a última prova foi no dia 24 de dezembro. Direção de tiro. E, depois da prova, os oficiais nos fizeram tirar todo o enxoval e levá-lo para casa. Foi uma senhora faina. Baixei terra no ônibus, apanhei um táxi e voltei para a EN a fim de pegar toda a tralha. Cheguei em casa e minha mãe se assustou com meu aspecto cadavérico, pois não me via há mais de duas semanas, aquartelado que ficara. Tomei um copo de vinho às 19:30 e ...apaguei. Somente acordei às 10 horas do dia de Natal. Em face do acima mencionado, deixe de ser teimoso e aceite a data de 13 de novembro como a da realização do show “Operação Bossa Nova”.

De fato, lembrou-se Lyra Barbosa quando



**Em plena apresentação, Norma Bengell, Roberto Menescal, e Gilberto. Outra relíquia**

conversei com ele. “É verdade, eram 4 pacotes de provas ao longo do ano. Coisa do Adalberto Nunes. Quem tivesse mais de 6 de média não fazia o pacote final. As provas finais realmente terminaram no Natal. A minha de Eletrônica foi dia 26, depois do Natal”, disse ele. Portanto, ponderei-lhe, o show bem poderia ter sido no intervalo entre o último festival mensal e a final. “Não foi!” Respondeu, peremptoriamente.

Desde que o nome de Gilberto fora lembrado pelo Treuffar, membro do Grêmio

de Violão, como tendo aparecido no palco, pedi-lhe sua contribuição – o que ele se lembrava do show e como fora parar no palco ao lado de Norma Bengell? Sua resposta por e-mail trouxe valiosos detalhes para esta colcha.

A descrição que se segue foi feita na base da memória. Sendo assim, alguns dados podem estar furados, principalmente no que se refere a datas e nomes.

“O *gran finale* ficou a cargo de Norma

Bengell, exuberante e maravilhosa, que subiu ao palco de minissaia e começou a contar uma história, pura “cascata”, sobre um aspirante que a havia paquerado e de cujo nome ela não se lembrava, mas que gostaria de saber quem era.

Estava eu sentado no mezanino do nosso cine-teatro quando o Antunes, atrás de mim, apontou o dedo para a minha cabeça como a indicar para ela que teria sido eu. Foi o bastante para que ela me chamasse ao palco.

Relutei em atender a seu apelo, mas o auditório insistiu-entusiasmadíssimo. Lá fui eu, nervoso e preocupado com o que aconteceria. Primeiro, porque não estava disposto a servir de motivo de galhofa. Segundo, porque na primeira fila estavam os oficiais e seus familiares, aí incluídos o almirante e sua esposa, e qualquer coisa de inconveniente que eu dissesse, em resposta às gozações da Norma, poderiam me custar uma punição severa. Mas terminou tudo bem. Este é o recorte que guardo de uma revista não identificada. Ainda tenho uma fotografia que me mostra com Heleno ao lado da Norma. Não me recordo como ocorreu a subida do Heleno ao palco.”

Dias depois, Gilberto me cedeu um recorte de revista com foto sua ao lado de Norma Bengell, que sua mãe guardara. Em termos de ilustração, uma beleza. Mas e a data? Para minha frustração, o recorte não trazia nenhuma referência à publicação de origem e muito menos a data. Permanecia a dúvida no ar, quicá a mais importante.

Eu prosseguia com minhas pesquisas de um lado enquanto Sérgio Lyra, segundo me contou, fustigava não só o irmão Carlos Lyra, mas todos os demais vivos envolvidos com aquele show.

De novo, um amigo surgiu em minha memória. Marco Antonio Gonçalves Bompét, hoje Capitão-de-Mar-e-Guerra da reserva, que sabia ter sido o último companheiro de Nara Leão. Expus-lhe a pesquisa que realizava e solicitei sua possível ajuda no que se referia ao dia da realização do show. De pronto, ele disse: “13 de dezembro de 1959”. Como poderia ter afirmado tão prontamente? Minha curiosidade foi satisfeita com este seu e-mail:

“Era uma noite do ano de 1983 quando, atendendo ao convite do anfitrião, fomos, Yara e Roberto Menescal, Nara Leão e eu, à residência do advogado Jorge Karam – irmão do ex-ministro Alfredo Karam – ... em Ipanema. Jorge Karam é, certamente, o maior detentor de arquivos sonoros da Bossa Nova, tendo gravado praticamente todos os shows iniciais do movimento e inúmeras reuniões musicais realizadas em diversas residências. As paredes de seu apartamento estavam cobertas de um número imenso de fitas de gravadores de áudio, desde os primitivos gravadores de fio até os modernos de fita magnética.

Contudo, o propósito daquela reunião social não era exatamente mostrar o material de áudio de seu acervo, mas, sim, fitas de videocassete – equipamento recentemente lançado no mercado – contendo shows musicais de artistas estrangeiros. ... Durante aquela agradável noite, creio que Karam tomou conhecimento de minha condição de

oficial de Marinha.

Passados alguns dias, Nara Leão disse-me que Jorge Karam tinha simpatizado muito comigo e me passou às mãos uns “presentes” ... uma fita cassete com registros domésticos de uma Nara Leão adolescente cantando acompanhada por um violonista e, o talvez mais importante, uma fita cassete do histórico show da Bossa-Nova realizado na Escola Naval em 1959. Nessa fita, tanto no papelão existente na caixa, como na etiqueta do rótulo, constava, com a caligrafia de Karam, a seguinte inscrição: “Show da Escola Naval – 13/11/1959”.

Faltava-me confirmar com o Dr. Karam. Como pesquisador, gostaria de ouvir, eu próprio, a confirmação de que ele escrevera a data do show na fita.

Enquanto isso, Lyra Barbosa e eu perseguíamos outra pista. Quem sabe, os Livros de Quarto da Escola Naval? Ainda existiriam? Recorremos ao Serviço de Documentação da Marinha onde fomos prontamente e atenciosamente atendidos. Os livros existiam e microfilmados! Aleluia! Lidos, nada foi encontrado que pudesse ser relacionado com o show. Nada mencionado nos itens 8 – Ocorrências, 12 – Material recebido ou entrado na Escola ou 21 – Visitas à Escola. Mas anotamos o nome de alguns oficiais de serviço. Consultados, não se lembravam de nada a respeito. Um deles revelou que tinham instrução para não fazer constar nada que dissesse respeito ao Corpo de Aspirantes. Estava explicado.

No SDM, ante a nossa decepção, nos sugeriram uma consulta às “Marinha em Revista” na Biblioteca da Marinha. Encontramos a encadernação do ano de 1959. Folheamos todos os exemplares. Relembramos a antiga Marinha, vimos fotos, mas do show ... nada.

Decidimos, em última instância, naquele dia, ir à Biblioteca Nacional. Sob um sol de verão, quase ao meio-dia, caminhamos pela Rio Branco até as escadarias, de onde lemos “estamos em greve”, o que nos fez desistir, por ora, da pesquisa. Tomamos novo rumo para o Clube Naval, de onde pretendíamos telefonar para o Dr. Jorge Karam, com quem Carlos Lyra falara dias atrás para saber da tal fita. Fui o primeiro a falar com ele. Voz idosa e cansada. Apresentei-me e fui bem atendido. Expliquei-lhe nossas pesquisas e dúvida. Fiz-lhe perguntas. Ele esteve presente ao show da Escola e gravou sua própria fita (a que dera ao Bompét). A data? E ele, gentil e pacientemente, me respondeu: “Meu filho, isso ocorreu há cinquenta anos e se essa data está na fita, que já nem sei mais aonde foi parar, é porque o show foi nessa data, eu mesmo a escrevia, ou ... ou essa seria a vali-

dade da fita ainda não gravada, prática que se usava na época”. Agradei e me despedi. Sérgio Lyra falou com ele em seguida. Infelizmente, nos deixara ele uma leve e derradeira dúvida no ar.

Sérgio Lyra deu continuidade à pesquisa incumbindo-se de consultar o Livro do Estabelecimento da Escola Naval. Pediu ajuda a seu companheiro de turma, Monteiro, que então lá trabalhava. Mas também ali nada foi encontrado. Incrível! Parecia que a Marinha esquecera ou apagara todos os vestígios daquele show.

Um dia, em Paquetá, recebo um telefonema de Sérgio Lyra Barbosa convocando-me para uma conversa. Ele encontrara um documento! Combinamos almoçar no Clube Naval no dia seguinte. Eu estava curiosíssimo! Ao nos encontrarmos, ele me passa às mãos uma folha única de papel amarelada que ele mesmo, um dia, na Escola Naval, datilografara com dificuldade – o roteiro do show da Bossa-Nova na Escola Naval, com o nome de cada participante e a seqüência de apresentação. Com a data, 13 de novembro de 1959. Que peça lhe pregou sua memória!

Demo-nos por satisfeitos e assumimos que o show da Bossa-Nova na Escola Naval foi realizado no dia 13 de novembro de 1959, uma sexta-feira. ■

## Notas

(1) Carlos Eduardo Lyra Barbosa, um dos fundadores do movimento “bossa nova”

(2) Chico Feitosa, compositor de “É fim de Noite”, músico e jornalista, trabalhava para a Odeon, maior gravadora de discos no Brasil na época. Foi convocado pelo meu irmão para cuidar da organização externa do show.

(3) O pai de Dick Farney é primo do pai de Antonio Octávio Dutra, meu colega de turma, Elmo, e suas famílias conviveram durante anos, daí a intimidade de Dutra, o Presidente do Grêmio de Francês da Escola Naval em 1959, com o cantor e pianista do show da bossa nova.

(4) Sérgio Lyra e eu localizamos uma fita dessa gravação que será mencionada mais adiante.

(5) Site do irmão de Lyra Barbosa informa ter sido esse show. Segundo Comando da Operação Bossa-Nova, mais conhecido como Show da Escola Naval, realizado no dia 13 de novembro de 1959.

(6) Sérgio Lyra e Dutra, baseados em suas memórias, não concordavam que o show tivesse sido realizado na data que afirmavam os sites da internet.

# ESCOLA NAVAL CELEBRA O CINQUENTENÁRIO DO HISTÓRICO SHOW DA BOSSA NOVA



CARLOS ALBERTO AFONSO

## Centro de Referência da Bossa Nova da Livraria Toca do Vinicius.

**E**ra uma sexta-feira 13, em novembro de 1959. O velho auditório – hoje biblioteca – da Escola Naval abrigava centenas de aspirantes para assistirem a um show de Bossa Nova que recebeu o título de 2º Comando de Operação Bossa Nova.

Talvez a maior parte dos jovens presentes não imaginasse que os nomes que ali se apresentavam ocupariam, tempos mais tarde, as páginas de todos os livros que se dispusessem a contar a história da grande música brasileira. E mais ainda: música brasileira de dimensão internacional.

O histórico Show da Bossa Nova na Escola Naval, já no ocaso dos anos 50, foi comandado pelo jornalista, produtor musical e letrista Ronaldo Bôscoli, que optou por um cenário composto pelos próprios artistas – a maioria em início de carreira – em atmosfera de informalidade e descontração.

Lúcio Alves, Normando Santos, Chico Feitosa, Carlos Lyra, Sylvia Telles, Alaíde Costa, Norma Benguell e Nara Leão – esta, pela primeira vez se apresentando em público – eram acompanhados por dois conjuntos instrumentais: Butantã e seus Cobrinhas, que, sob o comando de Roberto Menescal, reunia o baterista João Mário, o baixista José Henrique, o saxofonista e flautista Bebeto Castilho e o pianista Luís Carlos Vinhas; o pianista Luiz Eça formava com os irmãos Castro Neves – Oscar, Léo e Iko, o outro grupo de músicos, que, além de acompanhar cantores e cantoras, executou, também, números instrumentais.

Foram mais de duas horas de um espetáculo de delicioso e alegre ambiente. As gravações de áudio existentes, apesar da domesticidade, deixam transparecer facilmente a mais perfeita integração entre plateia e palco, o claro prenúncio de que aquela estética musical de vanguarda chamada de bossa nova chegava para ficar, como uma novidade que mais parecia velha amiga de todos.

Aliás, em sua Palavra Especial na abertura da Encenação, o escritor Ruy Castro chamou atenção para o fato de que todo o comportamento da plateia em 1959 era típico de quem já estava à espera daquela vanguarda musical.

Graças ao esforço dos Comandantes Ney Dantas, Sérgio Lyra e Marco Antonio Bompert, a Revista do Clube Naval de nº 334 registrou a trajetória do 2º Comando Operação Bossa Nova, daquele palco para a história.

Corações e mentes para os quais jamais se apagara aquele novembro de 1959, à frente o Comandante Paiva, idealizaram a celebração do cinquentenário do inesquecível show. Uma comissão composta pelo Almirante Roberto Ferrenho e pelos Comandantes Marco Antonio Bompert e Sérgio Lyra, além do próprio Comandante Paiva e do entusiasmado Arquitecto Olavo Siqueira – também aspirante de 1959 – apresentou a ideia da comemoração ao CA Antonio Fernando Monteiro Dias, atual Comandante da Escola Naval, que acolheu a proposta com vivo interesse face, não apenas, ao significado artístico e histórico, mas, também à importância de promover o reencontro das gerações formuladoras e o encontro das novas gerações com esta grande música que é a bossa nova.

Convidado para o Projeto do Cinquentenário, o Professor Carlos Alberto Afonso do Centro de Referência da Bossa Nova da Livraria Toca do Vinicius, em Ipanema, propôs uma Encenação Musical do



show de 1959, a partir de novos artistas, enquanto os participantes do show original – ou seus representantes, no caso de ausentes – seriam convidados a assistir, recebendo ao final da apresentação uma bela homenagem.

Uma importante legião de colaboradores prestou seu apoio para somar grandeza ao evento comemorativo. E este foi o caso do Clube Naval, que acolheu e apoiou o projeto, bem como a SOCIMPRO, e o tradicional Colégio Notre Dame de Ipanema.

Também o jornalista Moysés Fuks, que, em 1957, ensejava a primeira oportunidade de ligação entre a estética que ora se arquitetava e a expressão Bossa Nova, contribuiu com sua honrosa presença e o valioso depoimento de quem fez história.

A grande encenação do Cinquentenário Show foi realizada no novo auditório da Escola Naval, com mil poltronas literalmente ocupadas, onde, por mais de duas horas de apresentação, reproduzindo o mesmo cenário, o mesmo repertório musical com o mesmo roteiro, alternaram-se novos músicos e cantores, enquanto, em áudio, a voz de Ronaldo Bôscoli era frequentemente lembrada.

No grande telão ao fundo do palco, as imagens dos artistas originais eram projetadas sempre que revividos pelos novos: os cantores Ricco Duarte, Chamon, Thaís Fraga, Thaís Motta e os músicos do Durval Ferreira Trio, Paulo Midosi, Rubinho e Haroldo Cazes.

Ao final, ovacionados pela plateia, lado a lado, os realizadores deste Cinquentenário e os artistas de 1959 podiam ter a certeza de que, como enfatizou o CA Antonio Fernando Monteiro Dias, ao encerrar o evento: “A festa do centenário começava ali.”

Inesquecível a feliz imagem de Roberto Menescal, Normando Santos e dos representantes dos ausentes Ronaldo Bôscoli, Luiz Carlos Vinhas, Oscar Castro Neves, Chico Feitosa, Alaíde Costa, Iko Castro Neves, Leo Castro Neves, Lúcio Alves, Sylvia Telles.

Na confraternização entre os aspirantes de 2009, logo após a já histórica Encenação Musical, a lembrança do pitoresco: cinquenta anos depois, era, novamente, novembro, sexta-feira 13. ■